



HISTÓRIA DA DIPLOMACIA BRASILEIRA

Do Império
ao Século XXI

APOSTILA

SEMANA 8

HISTÓRIA DA DIPLOMACIA NO BRASIL

Do Império ao Século XXI

Objetivos

O primeiro objetivo do curso é contar a história do Brasil pelo ângulo de suas relações com o mundo exterior, como ele nos condiciona, como tentamos influir sobre ele. Essa história não deve ficar separada, como sucedia no passado, do coração da história interna, tem de ser parte integral, constitutiva, da política, da economia, da cultura. A diplomacia e a política exterior precisam ser vistas como pedras fundamentais da construção do Brasil, ao mesmo título que as mudanças de governo, as constituições, a expansão econômica.

Política exterior e política interna são inseparáveis, duas faces da mesma moeda. É difícil ter boa diplomacia num país em crise política e econômica, como estamos vendo neste momento. A fase mais brilhante da gestão do barão do Rio Branco coincidiu com o melhor momento da República Velha, o período de Rodrigues Alves e Afonso Pena, de 1903 a 1910. Quando a situação interna começou a deteriorar, a gestão do Barão também entrou no seu crepúsculo.

Será uma visão de conjunto de períodos extensos, sem perder-se nos detalhes, com ênfase na floresta, não nas árvores. Mostraremos como a diplomacia ajudou a resolver os grandes problemas enfrentados pelo país desde a Independência, contribuindo decisivamente para consolidar o território, assegurar a crescente autonomia das decisões e abrir caminho ao desenvolvimento em cada uma das etapas da evolução histórica brasileira.

Rubens Ricupero

Conversa com Presidente Dilma Rousseff

Conversa entre Presidente Dilma Rousseff e Maria Regina Soares de Lima

De uma determinada perspectiva teórico-analítica, que subscrevo, considera-se, a política externa como uma política governamental. Ainda que a política externa apresente uma face estatal, mais permanente, no sentido de uma política de Estado, afirmando tradições incorporadas e institucionalizadas ao longo de sua trajetória, sua outra face reflete as preferências e orientações do governo de turno. De modo geral, a política exterior tende a apresentar uma relativa continuidade no tempo, mas também mudanças de rumo dependendo das orientações do governo no poder. Nas democracias, a política externa segue os princípios constitucionais vigentes, mas também está sujeita à politização que é parte da competição política em contextos competitivos e democráticos. A história recente da política externa brasileira, desde a restauração da democracia no final dos anos 80, exemplifica esta tendência.

O plano desta entrevista é iniciar com uma questão mais geral sobre a política externa do governo de Dilma Rousseff, em seguida examinar os três principais eixos bilaterais e regionais da política externa. Focaliza em seguida, uma questão da agenda transversal que impacta em outras burocracias de governo e em uma variedade de interesses domésticos. Ao final, são apresentadas questões que tem a ver com sua condição de primeira mulher, na história brasileira, a ocupar a Presidência da República.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

Boito, A. e Berringer, T. (2014). “Social classes, neodevelopmentalism, and Brazilian foreign policy under presidents Lula and Dilma”, *Latin American Perspectives*, vol. 41, no. 5, pp. 94-109.

Fuccille, A. et al (2017). O governo Dilma Rousseff e a América do Sul: A atuação brasileira na UNASUL (2011-2014), *Colombia Internacional*, 92, pp. 43-72.

Saraiva, M.G (2014). “Balanço da política externa de Dilma Rousseff: Perspectivas futuras? *Relações Internacionais*, 44, pp. 25-35.



SOBRE A PALESTRANTE

Maria Regina Soares de Lima

Foi professora titular do IUEPRJ (1975-2010), professora associada do IRI/PUC-Rio (1987-2007) e Pesquisadora 1-A de Produtividade do CNPQ (2003-2020). Desde 2010, é professora do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP-UERJ) e coordenadora do Observatório Político Sul Americano (OPSA/UERJ). Possui Doutorado em Ciência Política pela Vanderbilt University (1986) e atua principalmente nos seguintes temas: política exterior brasileira, instituições políticas, economia política, política social e sistema internacional. Entre suas publicações, destaca-se o livro “A Projeção Internacional do Brasil” (Appris, no prelo) e o artigo “Brazil’s foreign policy and the “graduation dilemma”, em coautoria com Carlos Milani e Letícia Pinheiro (International Affairs, 2017).

Um Brasil com influência global (2011-2016)

Com Antonio Patriota

A presente aula dedica-se a examinar a política externa brasileira no período de 2011 a 2016, que coincide com as gestões do embaixador Antonio de Aguiar Patriota como Ministro das Relações Exteriores e Representante Permanente do Brasil junto à ONU, sob a Presidência Dilma Rousseff. A política externa do período foi marcada pelo signo da continuidade e do universalismo.

Destacaram-se a adesão entusiástica às novas formas de concertação inter-regional (IBAS, BRICS, ASA, ASPA, G20, CPLP), o engajamento com a ONU e a importância atribuída à integração sul-americana, ao meio ambiente e aos direitos humanos, o que permitiu consolidar, e até mesmo ampliar, em diversos campos, a influência global do país. O compromisso com o multilateralismo ficou demonstrado pela realização, em 2012, da Rio+20, até então a maior e mais inclusiva conferência da ONU, ao passo que também se registraram contribuições aos grandes temas em pauta, como a segurança alimentar, o comércio internacional e a promoção da paz.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

PATRIOTA, Antonio de Aguiar. *Política Externa Brasileira. Discursos, Artigos e Entrevistas (2011-2012)*. FUNAG, 2013.

_____. *Política Externa Brasileira. Discursos, Artigos e Entrevistas - Volume II* (janeiro a agosto de 2013). FUNAG, 2016.

_____. *International Cooperation or Gridlock?* In *Americas Quarterly*, 2014.

_____. *The United Nations at 75: Multilateralism at a Crossroads* In *The Cairo Review of Global Affairs*, 2020.

_____. *Is the World Ready for Cooperative Multipolarity?* In *Rising Powers Quarterly*, Volume 2, 2017.

_____. *Collective Security and Collective Responsibility*. In *International Interventions* In *The Palgrave Encyclopedia of Peace and Conflict Studies*, 2020.

_____. *O Conselho de Segurança após a Guerra do Golfo: A Articulação de um novo Paradigma de Segurança Coletiva*. FUNAG, 2010.

AMORIM, Celso. *Teerã, Ramalá e Doha: memórias da política externa ativa e altiva*. Benvirá, 2015.

RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*. Versal Editores, 2017.

SINGER, André. *O lulismo em crise: Um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. Companhia das Letras, 2018.

SARAIVA GUERREIRO, Ramiro. *Lembranças de um empregado do Itamaraty*. Editora Siciliano, 1992.

HUTCHINGS, Robert e SURJ Jeremi (Eds.) *Modern Diplomacy in Practice*. Palgrave Macmillan, 2020.

STEFAN, Cristina. *On non-Western norm shapers: Brazil and the Responsibility while Protecting*. In *European Journal of International Security*, 12/12/2016.

PAES LEME, João Marcos Senise. *A responsabilidade de proteger antes e depois da intervenção na Líbia: uma perspectiva brasileira*. Tese do LVIII CAE, FUNAG, 2013.

DIAS RODRIGUES DOS SANTOS, Lucas. *Brazil and the securitization of development : how can a transformative multilateralism enable non-traditional norm shapers?* The Graduate Institute Geneva, 2020.



SOBRE O PALESTRANTE

Antonio Patriota

Conselheiro Internacional do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI). Antonio de Aguiar Patriota foi designado Embaixador do Brasil junto à República Árabe do Egito e ao Estado da Eritreia em 2019. Anteriormente, foi Embaixador na Itália, em Malta e em San Marino (2016-2019). Entre 2013 e 2016, foi Representante Permanente do Brasil junto às Nações Unidas. Foi Ministro das Relações Exteriores (2011-2013), Secretário-Geral das Relações Exteriores (2009-2010) e Embaixador do Brasil nos Estados Unidos (2007-2009). Durante sua gestão à frente da Missão do Brasil junto à ONU, presidiu as 61ª e 62ª Sessões do Comitê sobre a Situação da Mulher e a Comissão de Consolidação da Paz (2013-2014). Ao longo de sua carreira diplomática, serviu duas vezes em Genebra (1983-1987 e 1999-2003) e em Nova York (1994-1999), Pequim (1987-1988) e Caracas (1988-1990). Foi agraciado com um Doutorado Honorário em Serviço Público pela Chatham University em 2008. Entre suas obras publicadas, estão a tese para o Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, intitulada “O Conselho de Segurança após a Guerra do Golfo: a articulação de um novo paradigma de segurança coletiva” e dois volumes de “Discursos, artigos e entrevistas” de sua gestão à frente do Ministério das Relações Exteriores. O artigo “*Is the World Ready for Cooperative Multipolarity?*” foi publicado recentemente pelo CEBRI.

Integração e multilateralismo (2003-2010)

Com Celso Amorim

Nos governos Lula, a política externa brasileira procurou tirar o máximo partido das novas configurações do poder mundial, caracterizado por uma maior multipolaridade. Ao mesmo tempo, enfatizou a cooperação com países em desenvolvimento, o chamado Sul-Global, com ênfase sobretudo na América do Sul, onde os processos de integração foram alargados e aprofundados. A par disso, o Brasil ajudou a criar novos grupos de influência na realidade internacional. Alguns deles tinham um caráter mais voltado para os países em desenvolvimento, como o IBAS e, num segundo momento, os BRICS (considerando a China da época ainda um país emergente). Outros grupos eram mais amplos, e envolviam também países desenvolvidos, como o G20, do qual o Brasil passou a fazer parte. Assim, com uma política externa ao mesmo tempo plural, sem preconceitos ideológicos e sem subordinação a objetivos específicos de qualquer potência, além de mais integrada na sua própria região e com melhores relações com os países em desenvolvimento (sobretudo a África), o Brasil pode ter uma política notadamente classificada na época como ativa e ativa.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

AMORIM, Celso. *Teerã, Ramalá e Doha: Memórias da política externa ativa e ativa*. Editora Benvirá, 2015.

RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*. Versal Editores, 2017. "Governo Lula: avanços sociais e diplomacia protagônica e de prestígio (2003-2010)".



SOBRE O PALESTRANTE

Celso Amorim

Celso Amorim, diplomata de carreira, é o Ministro das Relações Exteriores mais longo da história do Brasil (1993-1994 e 2003-2010). Foi também Ministro da Defesa entre 2011 e 2014. Amorim permanece ativo na Academia e como figura pública, tendo escrito vários livros e artigos sobre temas diversos que variam de política internacional à cultura. Um de seus últimos livros - "*Acting Globally, Memoirs of Brazil's Assertive Foreign Policy*" - foi publicado nos Estados Unidos pela Hamilton Books e conta com endossos de Kofi Annan e Noam Chomsky. Amorim participa de diversos *Think Tanks*, comitês e painéis internacionais sobre temas de grande interesse global. Em 2010, foi considerado pela *Foreign Policy Magazine* como um dos 100 maiores pensadores globais, ocupando a 6ª posição. Em 2009, a mesma revista se referiu a ele como "o melhor Ministro de Relações Exteriores do mundo".

Fernando Henrique Cardoso: a vez e a hora da Diplomacia Presidencial (1995-2002)

Com Marcos Azambuja

Circunstâncias, formação e temperamento fizeram com que a diplomacia presidencial de Fernando Henrique Cardoso tivesse uma alta visibilidade e uma evidente importância ao longo de seus dois mandatos. A aula apresenta um dos primeiros presidentes brasileiros que, antes de tomar posse, teve a experiência pessoal de conduzir a política externa brasileira. Ministro das Relações Exteriores do governo imediatamente anterior, o presidente Fernando Henrique Cardoso teve a diplomacia presidencial como um dos marcos de seus anos à frente do governo brasileiro. Os anos FHC correspondem a profundas transformações por que passou o mundo no imediato pós-Guerra Fria. Temáticas como meio ambiente, direitos humanos e não-proliferação nuclear ganharam bastante destaque na agenda internacional e brasileira. Ao mesmo tempo em que a integração regional, iniciada nos governos anteriores, foi-se fortalecendo e se institucionalizando. Ao longo da aula, marca-se que, em um cenário em que uma nova ordem mundial estava emergindo, a diplomacia presidencial de FHC foi um importante ativo na condução de sua política externa, reforçando, em suas ações, o realismo, o pragmatismo, a articulação de consensos e o pluralismo, valores diplomáticos sobre os quais o país se fundamenta historicamente.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

CERVO, Amado; CLODOALDO, Bueno. *História da política exterior do Brasil*. 5ª Edição, Editora UnB. “Adaptação à ordem global nos anos 1990”, 2015.

DANESE, Sérgio. *Diplomacia presidencial: história e crítica*. FUNAG, 1999.

GUILHON ALBUQUERQUE, J. A.; Seitenfus, Ricardo ; Nabuco, Sérgio. *A Política Externa do Governo Fernando Henrique*. In: José Augusto Guilhon Albuquerque; Ricardo Seitenfus; Sérgio Nabuco. (Org.). *Sessenta Anos de Política Externa Brasileira - 1930-1990*. 2ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006, v. 1, p. 501-513.



SOBRE O PALESTRANTE

Marcos Azambuja

Conselheiro Emérito do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI). O Embaixador Azambuja serviu como Embaixador do Brasil na França e na Argentina, assim como Chefe da Delegação do Brasil para Assuntos de Desarmamento e Direitos Humanos em Genebra. Foi Coordenador da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Cúpula da Terra Rio 92). No Ministério das Relações Exteriores, serviu como Secretário-Geral (Vice-Chanceler), tendo previamente atuado em Londres, Cidade do México e Nova York (ONU). Foi membro da Comissão de Armas de Destruição em Massa e do Fórum de Tóquio para a Não Proliferação Nuclear e Desarmamento. O Embaixador Azambuja é atualmente membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Fundação Roberto Marinho.

Itamar Franco: de Marraqueche a Ouro Preto (1992-1995)

Com Celso Amorim

O governo Itamar Franco foi essencialmente um governo de transição. Sendo vice-presidente do primeiro presidente eleito pelo povo, seguido ao impeachment, a principal tarefa de Itamar foi consolidar a democracia. A par disso, ele teve uma grande importância também na estabilidade econômica, através da criação e implementação do Plano Real. Do ponto de vista da política externa, destacam-se aspectos importantes no âmbito regional, como a consolidação do Mercosul e a defesa de posições nacionais nas negociações comerciais da Rodada Uruguai, dentro do que era possível com as forças da época. Além disso, vale destacar a aproximação com Cuba (especialmente na defesa dos direitos humanos e da integração do país no sistema sul-americano) e a evolução da parceria estratégica com a China. Em outro contexto, pela primeira vez na preparação da Conferência de Desenvolvimento Social, uma ONG foi convocada para fazer o relatório brasileiro, um grande avanço da época na relação com a sociedade civil.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*. Versal Editores. ““Governo Itamar: O plano Real e uma diplomacia para dentro (1992-1994)””.



SOBRE O PALESTRANTE

Celso Amorim

Celso Amorim, diplomata de carreira, é o Ministro das Relações Exteriores mais longo da história do Brasil (1993-1994 e 2003-2010). Foi também Ministro da Defesa entre 2011 e 2014. Amorim permanece ativo na Academia e como figura pública, tendo escrito vários livros e artigos sobre temas diversos que variam de política internacional à cultura. Um de seus últimos livros - “*Acting Globally, Memoirs of Brazil's Assertive Foreign Policy*” - foi publicado nos Estados Unidos pela Hamilton Books e conta com endossos de Kofi Annan e Noam Chomsky. Amorim participa de diversos *Think Tanks*, comitês e painéis internacionais sobre temas de grande interesse global. Em 2010, foi considerado pela *Foreign Policy Magazine* como um dos 100 maiores pensadores globais, ocupando a 6ª posição. Em 2009, a mesma revista se referiu a ele como “o melhor Ministro de Relações Exteriores do mundo”.

A política Externa da Presidência Collor: a inserção do Brasil no Mundo pós guerra-fria (1990-1992)

Com Celso Lafer

A política externa do governo Collor (1990-1992) caracterizou-se por seu empenho no reposicionamento da inserção internacional do Brasil. Resultou da sua visão das necessidades internas da modernização econômica e da sua avaliação das substantivas mudanças do cenário internacional, provenientes do fim da guerra fria e do término da polaridade Leste/Oeste.

O Presidente Collor na sua intervenção discutirá, *inter alia*, três eixos centrais da sua política externa: a criação do Mercosul (o Tratado de Assunção); as mudanças no campo nuclear e a sua dimensão estratégica no plano da segurança internacional; e a realização da Rio-92 e o seu significado na inserção da agenda ambiental e do desenvolvimento sustentável na vida internacional.

A participação do Presidente Collor como ator protagonista da diplomacia que conduziu, será antecedida nesta aula 9 por uma análise mais abrangente de Celso Lafer dos contornos da sua política exterior, da qual participou como Ministro das Relações Exteriores em 1992.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

(1) Fernando Collor: Discurso de Posse na Presidência da República.

(2) Fernando Collor: Discurso na Abertura dos Debates da Assembleia Geral da ONU – 24/set/1990.

(3) Fernando Collor: Discurso na Abertura dos Debates da Assembleia Geral da ONU – 23/set/1991.

(2) e (3) contextualizados encontram-se em *A Palavra do Brasil nas Nações Unidas*, livro organizado pelo Embaixador Luis Felipe Seixas Corrêa, publicado pela FUNAG.

(4) Celso Lafer, A política externa do governo Collor.

(5) Celso Lafer, Rio-92.

(4) e (5) encontram-se em Marcílio Marques Moreira, org. *Quixote no Planalto*, Rio: Edição de Janeiro, 2017.

(6) Celso Lafer, Conferência do Rio, verbete *Dicionário Histórico-Biográfico brasileiro pos-1930*, 2ª ed. FGV/CPDOC, 2008, vol. II.

**SOBRE O PALESTRANTE****Celso Lafer**

Conselheiro Emérito do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI). Ministro Lafer serviu como Ministro das Relações Exteriores em duas ocasiões, assim como Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Foi Embaixador do Brasil na ONU e na OMC em Genebra, onde foi Presidente do Órgão de Solução de Controvérsias. Foi também membro do Conselho Executivo da ONU em assuntos relacionados ao desarmamento, indústria e comércio. É Professor Emérito da USP, do seu Instituto de Relações Internacionais e da sua Faculdade de Direito, onde foi Professor de Direito Internacional e Filosofia do Direito. Foi até recentemente Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e está atualmente no Conselho de Administração da Klabin. O Ministro Lafer recebeu diploma de bacharel da Faculdade de Direito da USP e mestrado e PhD em Ciências Políticas da Universidade de Cornell.

José Sarney: redemocratização e diplomacia latino-americana (1985-1990)

Com Rubens Ricupero

O presidente José Sarney lidou com o desafio da redemocratização e com as dificuldades das condições deixadas pelos militares: crise da dívida externa, inflação descontrolada e destruição da democracia e dos direitos humanos. A aula apresenta o desafio político de dotar o país com uma constituição que garantisse liberdade e progresso e o econômico de combater o fantasma da hiperinflação. Ao mesmo tempo em que o presidente Sarney teve de lidar com uma política externa marcada pela dívida externa, seu governo representou uma grande aproximação com a Argentina, o que fomentou uma maior integração regional que culminaria no Mercosul. A cooperação nuclear com esse país, o restabelecimento das relações diplomáticas com Cuba, a maior proximidade dos países da América Latina e a valorização do sistema das Nações Unidas são marcos da política externa desse período. Ao longo da aula, marca-se que o legado que distingue o presidente Sarney dos governos anteriores e sucessores consistiu na reconstrução da democracia, da liberdade e dos direitos humanos.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*. Versal Editores. “Governo Sarney: redemocratização interna e diplomacia latino-americana (1985-1990)”.

SARNEY, José. *Brazil: A President's Story*. Foreign Affairs. Fall 1986. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/brazil/1986-09-01/brazil-presidents-story>.

SEIXAS CORRÊA, Luiz Felipe de. *A Política Externa de José Sarney*, in ALBUQUERQUE, José A. G (org.). *Crescimento, Modernização e Política Externa*. Cultura Editores Associados. 1996.



SOBRE O PALESTRANTE

Rubens Ricupero

Nascido em São Paulo (1º de março de 1937), foi diplomata de carreira, aposentando-se após ocupar a chefia das embaixadas do Brasil em Genebra, Washington e Roma. Exerceu os cargos de Ministro do Meio Ambiente e da Amazônia, bem como de Ministro da Fazenda (governo Itamar Franco). Entre 1995 e 2004, dirigiu como Secretário Geral a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em Genebra. No mesmo período, foi Subsecretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Atualmente é Diretor da Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo. Foi professor de História das Relações Diplomáticas do Brasil do Instituto Rio Branco e de Teoria das Relações Internacionais da Universidade de Brasília. É autor de vários livros e ensaios sobre história diplomática, além de obras sobre relações internacionais, desenvolvimento econômico e comércio mundial. Seu último livro é *A diplomacia na construção do Brasil*, 2017, que recebeu o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, da Academia Brasileira de Letras em 2018.

Relações Internacionais do Regime Militar (1964-1985)

Com Matias Spektor

Esta aula passa em revista as relações internacionais do Brasil durante o regime autoritário (1964-85). A primeira seção explora o papel dos Estados Unidos no golpe de Estado e na consolidação do regime, usando para isso os documentos secretos liberados para pesquisa pública durante anos recentes. Na sequência, a aula concentra seu foco no processo de repressão transnacional e na relação estabelecida entre o regime e seus dissidentes fora das fronteiras. A terceira seção da aula cobre a guinada estratégica que o regime militar patrocinou em temas de política regional para a América do Sul, revertendo tendências de longo prazo. A quarta seção oferece uma panorâmica sobre o terceiro-mundismo revisionista que o Brasil adotou durante parte do governo militar. A quinta seção cobre a deterioração do relacionamento brasileiro com os Estados Unidos durante a ditadura, assim como o papel da política norte-americana de direitos humanos e não-proliferação nuclear no desgaste do regime. A seção final avalia os legados de longo prazo da política externa dos generais.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

Gaspari, Elio. 2002a. *A Ditadura Envergonhada*. As Ilusões Armadas. São Paulo, Brazil: Companhia das Letras.

———. 2002b. *A Ditadura Escancarada*. As Ilusões Armadas. São Paulo, Brazil: Companhia das Letras.

———. 2003. *A Ditadura Derrotada*. São Paulo, Brazil: Companhia das Letras.

———. 2004. *A Ditadura Encurralada*. São Paulo, Brazil: Companhia das Letras.

———. 2016. *A Ditadura Acabada*. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca.

Rabe, Stephen G. 1999. *The Most Dangerous Area in the World: John F. Kennedy Confronts Communist Revolution in Latin America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.

———. 2012. *The Killing Zone: The United States Wages Cold War in Latin America*. New York: Oxford University Press.

Spektor, Matias. 2009. *Kissinger e o Brasil*. Nova Biblioteca de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar.

———. 2018. "The United States and the 1964 Brazilian Military Coup." In *Oxford Research Encyclopaedia of Latin American History*, by Matias Spektor. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199366439.013.551>.

Visentini, Paulo Fagundes. 2011. *A política externa do regime military brasileiro* (Editora UFRGS).

**SOBRE O PALESTRANTE****Matias Spektor**

É professor associado e fundador da Escola de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). É doutor pela Universidade de Oxford e ocupou a Cátedra Rio Branco em King's College London, além de passagens como professor visitante na LSE, Council on Foreign Relations e Woodrow Wilson International Center for Scholars. Matias é autor de *Kissinger e o Brasil* (2009), *Azeredo da Silveira: um depoimento* (2010), *18 dias: quando Lula e FHC se uniram para conquistar o apoio de Bush* (2014) e *The Origins of Nuclear Cooperation: Critical Oral History between Argentina and Brazil* (2015), além de numerosos artigos acadêmicos em publicações nacionais e internacionais.

Jânio Quadros e João Goulart: Política Externa Independente (1961-1964)

Com Gelson Fonseca Jr.

A Política Externa Independente corresponde aos governos de Jânio Quadros (janeiro-agosto de 1961) e ao de João Goulart, que teve duas fases, a parlamentarista (setembro de 1961 a janeiro de 1963) e a presidencialista (até abril de 1964). É um período extremamente tumultuado da vida nacional, mas, apesar disto, a política externa mantém continuidade e inaugura um novo paradigma para definir a presença internacional do Brasil, o “universalista”.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

As leituras básicas são os capítulos sobre a PEI nos livros de Ricupero e Cervo já incluídos na bibliografia de aulas anteriores. A literatura sobre o período é vasta e, a seguir, estão selecionados uns poucos textos, alguns voltados para a divulgação de documentos básicos sobre o período. Os livros da FUNAG são todos de acesso livre no site da Fundação. Sobre o período, as memórias de Afonso Arinos, *Planalto*, Rio, José Olympio, 1968, e na de Roberto Campos, *Lanterna na Popa*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1994, oferecem material de muito interesse.

Bilhetes do Presidente Jânio Quadros ao Ministério de Relações Exteriores. Cadernos do CHDD, ano 5, nº 8, 2006.

Brito Cruz, J. H. “Aspectos da evolução da diplomacia brasileira no tempo da Política Externa Independente”. in *Cadernos do Ipri*, 2. Brasília, Funag, 1980.

Costa Franco, A. (org). *Documentos da Política Externa Independente*, Vols. 1 e 2. Brasília, Funag.

Dantas, San Tiago. *A Política Externa Independente*. Edição atualizada, Brasília, Funag, 2013. Além dos textos de San Tiago, há, na parte final do livro, artigos de autores diversos sobre a PEI.

Fonseca, G. "Mundos Diversos Argumentos Afins; aspectos doutrinários da Política Externa Independente e do Pragmatismo Responsável". in Fonseca, G. *A Legitimidade e outras questões internacionais*. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

Franchini Neto, H. "A Política Externa Independente em ação: a Conferência de Punta del Este de 1962". in *RBPI*, 48 (2)129-151, 2005.

Jaguaribe, H. *O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*. Brasília, Funag, 2013. (1ª ed., 1958).

Leite Barbosa, C.A., *Desafio Inacabado: a política externa de Jânio Quadros*, São Paulo, Editora Atheneu Cultura, 2007.

Ligiero, L. F. *Políticas semelhantes em momentos diferentes: exame e comparação entre a Política Externa Independente (1960-1964) e o Pragmatismo Responsável (1974-1979)*. Brasília, FUNAG, 2011.

Malan, P. "Relações econômicas internacionais do Brasil (1945-1964)", in Fausto, B., *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. São Paulo, Difel, 1984, (Coleção História Geral da Civilização Brasileira).

Pimentel, J.V. (organizador), *O Pensamento Diplomático Brasileiro*, Brasília, Funag, 2011. Ver, no vol. III, os artigos sobre Helio Jaguaribe, Afonso Arinos, San Tiago Dantas e J.A. de Araújo Castro.

Pimentel, J. V. *O Pensamento Diplomático Brasileiro, vol. 3*. Brasília, Funag, 2013. Ver os artigos sobre San Tiago Dantas, Afonso Arinos e Araújo Castro.

Pinheiro, Leticia. *A Política Externa Brasileira*. Rio de Janeiro, ZAHAR, 2004.

Visentini, P. F. *As Relações Exteriores do Brasil (1845-1964): o nacionalismo e a política externa*. Petrópolis, Vozes, 2004.



SOBRE O PALESTRANTE

Gelson Fonseca Jr.

Conselheiro do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI). O Embaixador Fonseca foi diplomata de carreira entre 1968 e 2016, quando se aposentou. Hoje é Diretor do Centro de História e Documentação Diplomática (CHDD) da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG). Antes foi Representante Permanente junto às Nações Unidas em Nova York, Embaixador no Chile e Cônsul-Geral em Madrid e no Porto. Desempenhou várias funções no Brasil, na Presidência da República e na Secretaria de Estado, onde sua mais recente posição foi a de Inspetor-Geral do Serviço Exterior. Foi Professor de Teoria das Relações Internacionais no Instituto Rio Branco entre 1980 e 1998. O Embaixador Fonseca recebeu diploma de bacharel em Direita da Universidade do Estado da Guanabara (agora chamada de UERJ) e mestrado em Estudos Latino-Americanos da Universidade de Georgetown. É doutor em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem inúmeras publicações sobre questões internacionais.

A Política externa de JK - a convergência entre o “interno” e o “externo” - uma diplomacia à serviço do desenvolvimento (1956-1961)

Com Celso Lafer

A diplomacia de JK é a expressão de uma política externa que partiu da avaliação interna dos imperativos do desenvolvimento do país e da identificação das possibilidades externas que o cenário internacional da década de 1950 oferecia para levar adiante as transformações da proposta de efetivar “50 anos em 5”. Daí a convergência entre o “interno” e o “externo” que JK com sua liderança imprimiu rumos, com sentido de direção. Esta se expressa pelo alcance da sua diplomacia presidencial, uma inovadora diplomacia de iniciativas, que se corporificou na Operação Pan America, que é uma das marcas da sua gestão.

A presidência JK teve duradouro papel de relevo na modernização da diplomacia brasileira. Consolidou a diplomacia econômica como uma das vertentes de ação do Itamaraty; valorizou o multilateralismo (ONU-OEA); empenhou-se na cooperação com os países latino-americanos, deu início à integração latino-americana (ALALC), assinalou a importância da parceria argentino-brasileira e conferiu peso próprio à afirmação do Brasil no cenário internacional.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

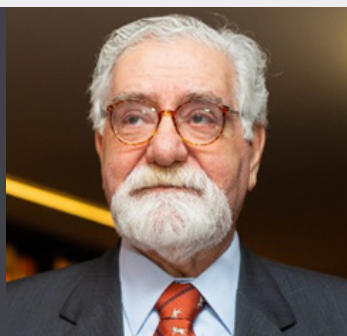
Rubens Ricupero, *A Diplomacia na Construção do Brasil (1750-2016)*, Rio de Janeiro, Versal Editores, 2017, pp. 346-407

Fernando de Mello Barreto, *Os sucessores do Barão – 1912-1964: relações Exteriores do Brasil*, São Paulo: Paz e Terra, 2001, pp. 211-238

Angela Castro Gomes, org., *O Brasil de JK*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2002, em especial o capítulo de Gerson Moura, *Avanços e Recuos: a política exterior de JK*.

Celso Lafer, *JK e o Programa de Metas (1956-1961): processo de planejamento e sistema político no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2002.

Celso Lafer, *Diplomacia de JK: dualidade a serviço do Brasil*, in *Celso Lafer, Relações Internacionais, Política Externa e Diplomacia Brasileira*, Brasília: Fund. Alexandre de Gusmão, 2008, vol. 2. pp. 997-1002.

**SOBRE O PALESTRANTE****Celso Lafer**

Conselheiro Emérito do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI). Ministro Lafer serviu como Ministro das Relações Exteriores em duas ocasiões, assim como Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Foi Embaixador do Brasil na ONU e na OMC em Genebra, onde foi Presidente do Órgão de Solução de Controvérsias. Foi também membro do Conselho Executivo da ONU em assuntos relacionados ao desarmamento, indústria e comércio. É Professor Emérito da USP, do seu Instituto de Relações Internacionais e da sua Faculdade de Direito, onde foi Professor de Direito Internacional e Filosofia do Direito. Foi até recentemente Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e está atualmente no Conselho de Administração da Klabin. O Ministro Lafer recebeu diploma de bacharel da Faculdade de Direito da USP e mestrado e PhD em Ciências Políticas da Universidade de Cornell.

A Era Vargas: a opção pelos aliados na Segunda Guerra Mundial (1930-1945)

Com Fernando de Mello Barreto

Apresenta balanço da política externa brasileira na Era Vargas. Para tanto, examina brevemente acontecimentos nos anos precedentes (1926-1930), os desenvolvimentos ocorridos durante o período Vargas (1930 - 1945) e finaliza com dados sobre os dois governos subsequentes (1950-1954). Especula sobre o que poderia ter acontecido ao país, caso tivesse mantido a neutralidade e não tivesse se juntado aos Aliados durante a II Guerra Mundial. Inclui resultados econômicos e consequências políticas, tanto internas quanto externas, em decorrência dessa opção. Ao longo da aula, ressalta os ganhos obtidos com a aproximação com os EUA, bem como da impossibilidade de repetição desse feito nos governos imediatamente seguintes.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

ABREU, Marcelo de Paiva. *O Brasil e a economia mundial (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. "Crise, crescimento e modernização autoritária: 1930-1945". In *A ordem do progresso - Cem anos de política econômica republicana - 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ARAUJO, João Hermes Pereira de et al. *Oswaldo Aranha, A estrela da Revolução*. São Paulo: Mandarim, 1996.

BARROS, Jaime de. *A política exterior do Brasil (1930-1932)*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zélio Valverde.

BIEBER, Leon. "Brasil e Europa: um relacionamento flutuante e sem estratégia", in *O desafio internacional: a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias*. Brasília: Editora Nacional, 1972.

CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: Editora Unesp-Fapesp, 2000.

GAMBINI, Roberto. *O Duplo Jogo de Getúlio Vargas. Influência Americana e Alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

HILTON, Stanley E. *O ditador e o embaixador. Getúlio Vargas, Adolf Berle Jr. e a queda do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. *Oswaldo Aranha: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994

_____. *O Brasil e as grandes potências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HIRST, M. *O processo de alinhamento nas relações Brasil-Estados Unidos: 1942-1945*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1982.

_____. *O processo de alinhamento nas relações Brasil-Estados Unidos: 1942/45*. Dissertação de Mestrado. IUPERJ. Rio de Janeiro, 1982.

LEVINE, Robert. *Father of the poor? Vargas and his era*. Nova York: Cambridge University Press, 1998.

McCANN, Frank D. *The Brazilian American Alliance - 1937-1945*. Princeton University, New Jersey, 1973.

MELLO BARRETO, Fernando de. *Os Sucessores do Barão. Relações Exteriores do Brasil. 1912-1964*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

MELO FRANCO, Afonso Arinos. *Um estadista da República (Afrânio de Melo Franco e seu tempo)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

MOURA, Gerson. *Autonomia na Dependência. A Política Externa Brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *Sucessos e Ilusões - Relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

_____. *A aliança Brasil-Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. 1942-1945*, mimeo.

_____. *Brazilian Foreign Relations 1939-1950. The changing nature of Brazil-United States relations during and after the Second World War*. Tese submetida para doutorado em História, Londres, 1982.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942. São Paulo: Nacional, 1985.

_____. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. O Brasil perante o Estado Novo e o Eixo: O processo de envolvimento na Segunda Guerra Mundial, mimeo.

SOARES D'ARAUJO, Maria Celina e Gerson MOURA. "O tratado comercial Brasil-Estados Unidos de 1935 e os interesses industriais brasileiros". Revista de Ciência Política. Rio de Janeiro: Fundação Get

TEIXEIRA SOARES. O Brasil no conflito ideológico global – 1937-1979. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

VARGAS, Getúlio. Diários



SOBRE O PALESTRANTE

Fernando de Mello Barreto

Fernando de Mello Barreto é diplomata de carreira. Foi Embaixador do Brasil em Camberra, na Austrália, e chefiou também a embaixada em Moscou, na Rússia. Serviu ainda como Cônsul Geral do Brasil em Londres, no Reino Unido, e Boston e Hartford, nos Estados Unidos da América, e como delegado na Delegação do Brasil junto à Organização Mundial do Comércio (OMC), em Genebra, na Suíça. Foi Chefe do Gabinete do Ministério das Relações Exteriores e Assessor Internacional do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Atuou como professor do Instituto Rio Branco e como professor assistente de Direito Internacional na Universidade de São Paulo (USP). Publicou, entre outros, os livros *O Direito Brasileiro Anticorrupção numa Encruzilhada: Uma Perspectiva Comparativa e Internacional*, *A Política Externa após a Redemocratização*, *Os Sucessores do Barão. 1964-1985* e *Os Sucessores do Barão. 1912-1964*. Possui Bacharelado em Direito pela USP; mestrado (LLM) pela Columbia University; e doutorado pela University of Connecticut.

O Barão do Rio Branco: o diplomata que ampliou o território e redefiniu a política externa (1902-1912)

Com Rubens Ricupero

Ninguém como Rio Branco encarnou tão bem as melhores qualidades da diplomacia brasileira: ênfase no conhecimento; moderação no uso do poder; percepção realista das tendências do mundo; uma ideia de Brasil baseada nos valores da paz, do Direito; busca de aliança para reforçar o poder do país; construção de *soft power*; sentido de prioridades.

A aula apresenta brevemente a biografia do patrono da diplomacia brasileira, destacando suas principais realizações e os motivos que o levaram ao êxito. Discorre sobre a mudança de paradigma da política externa brasileira a partir da gestão de Rio Branco e sua postura pragmática com relação à política territorial. As relações assimétricas e simétricas do Brasil com seus vizinhos e as grandes potências no período em questão são apresentadas, bem como a tensão dialética entre aspirações e capacidades da diplomacia brasileira. Ao longo da aula, marca-se que a gestão do Barão à frente do Itamaraty refletiu os principais valores diplomáticos brasileiros, como o pacifismo, a utilização do *soft power* e da diplomacia do conhecimento e a prevalência do direito internacional e da moderação. Valores que, mesmo após mais de um século, continuam válidos para a diplomacia nacional.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

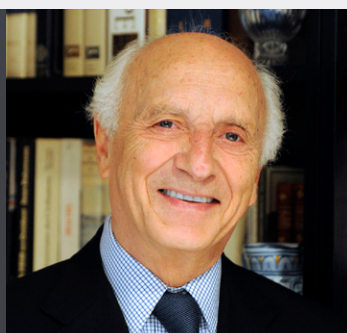
Álvaro Lins, *Rio-Branco*.

Luiz Vianna Filho, *A vida do Barão do Rio Branco*.

Luís Cláudio Villafañe G. dos Santos, *Juca Paranhos, o barão do Rio Branco*.

João H. Pereira de Araújo e Rubens Ricupero. *Rio Branco, uma fotobiografia*

Rubens Ricupero. *Rio Branco, o Brasil no mundo*, Ed. Contraponto.



SOBRE O PALESTRANTE

Rubens Ricupero

Nascido em São Paulo (1º de março de 1937), foi diplomata de carreira, aposentando-se após ocupar a chefia das embaixadas do Brasil em Genebra, Washington e Roma. Exerceu os cargos de Ministro do Meio Ambiente e da Amazônia, bem como de Ministro da Fazenda (governo Itamar Franco). Entre 1995 e 2004, dirigiu como Secretário Geral a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em Genebra. No mesmo período, foi Subsecretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Atualmente é Diretor da Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo. Foi professor de História das Relações Diplomáticas do Brasil do Instituto Rio Branco e de Teoria das Relações Internacionais da Universidade de Brasília. É autor de vários livros e ensaios sobre história diplomática, além de obras sobre relações internacionais, desenvolvimento econômico e comércio mundial. Seu último livro é *A diplomacia na construção do Brasil*, 2017, que recebeu o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, da Academia Brasileira de Letras em 2018.

Império: uma nação imaginada (1822-1889)

Com Demétrio Magnoli

O conceito de que o Brasil nasceu diretamente, como unidade política, da América Portuguesa não é uma descrição histórica, mas o pilar fundador da mitologia histórica nacional. Tal mitologia foi erguida, fundamentalmente, pelo Império do Brasil.

O Império do Brasil “criou” a nação como “comunidade imaginada”. Um dos elementos centrais desse processo de “invenção” nacional foi o mito da Ilha-Brasil – ou seja, a noção de que o território nacional estava prefigurado no período colonial e, inclusive, entalhado na natureza.

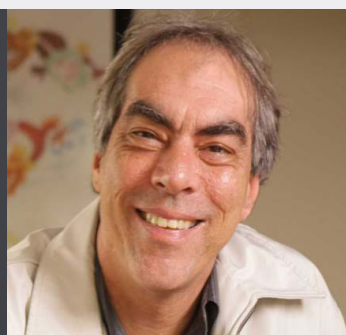
A política externa imperial organizou-se, em larga medida, como instrumento de construção da unidade nacional. Um de seus eixos foi a proteção do sistema escravista contra as pressões britânicas. O outro, a consolidação do desenho geral de fronteiras estabelecido pelo Tratado de Madri (1750) nas bacias do Prata e do Amazonas. O mito da Ilha-Brasil inspirou a política imperial nas duas grandes bacias hidrográficas.

A aula focará os conceitos principais que propiciam a interpretação da política externa do Império do Brasil.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da pátria - imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*, Editora Unesp. Capítulo III (“O Império: Destino Manifesto luso-brasileiro”)

CERVO, Amado Luiz. BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*, Editora Ática. Capítulos 4 (“As posses territoriais ou a intransigência negociada”) e 5 (“O controle do Prata”)



SOBRE O PALESTRANTE

Demétrio Magnoli

Conselheiro do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI). Demétrio Magnoli é sociólogo, doutor em Geografia Humana pelo Departamento de Geografia da FFLCH-USP e integrante do Grupo de Análises de Conjuntura Internacional (Gacint) da USP.

Foi colunista do jornal O Estado de S. Paulo. Atualmente, é colunista da Folha de S. Paulo e de O Globo. É comentarista internacional do Jornal das Dez e do Em Pauta, na Globo News. Autor do livro *Uma Gota de Sangue* e coautor as obras *História das Guerras*, *História da Paz* e *O Brasil no Contexto 1987-2007*, todos publicados pela Editora Contexto.

Introdução à diplomacia brasileira: os valores diplomáticos que desenharam o mapa do Brasil e ajudaram a definir a identidade nacional

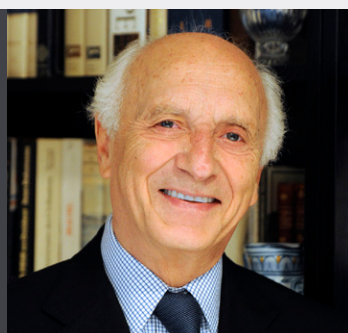
Com Rubens Ricupero

A aula apresenta os valores diplomáticos brasileiros que ajudaram a desenhar o mapa do Brasil e a definir a identidade nacional. A delimitação do território nacional é o ponto de partida dessa história. Desde o Tratado de Madri (1750), o território brasileiro foi definido pelo poder da diplomacia. Valores como pacifismo, prevalência do direito internacional e da solução pacífica de controvérsias foram desenvolvidos pela diplomacia nacional à medida que o território brasileiro ia se consolidando.

De maneira semelhante, a política externa brasileira em ação ajudou a estabelecer, na sociedade brasileira, valores como a superação do subdesenvolvimento e da miséria, a redução da desigualdade, a rejeição a todo tipo de preconceito e o comprometimento com os direitos humanos e a defesa do meio ambiente. Ao longo da aula, marca-se que o caráter brasileiro idealizado, aquilo que somos ou gostaríamos de ser, coincide com os valores da diplomacia.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*. Versal Editores. “Introdução”.



SOBRE O PALESTRANTE

Rubens Ricupero

Nascido em São Paulo (1º de março de 1937), foi diplomata de carreira, aposentando-se após ocupar a chefia das embaixadas do Brasil em Genebra, Washington e Roma. Exerceu os cargos de Ministro do Meio Ambiente e da Amazônia, bem como de Ministro da Fazenda (governo Itamar Franco). Entre 1995 e 2004, dirigiu como Secretário Geral a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em Genebra. No mesmo período, foi Subsecretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Atualmente é Diretor da Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo. Foi professor de História das Relações Diplomáticas do Brasil do Instituto Rio Branco e de Teoria das Relações Internacionais da Universidade de Brasília. É autor de vários livros e ensaios sobre história diplomática, além de obras sobre relações internacionais, desenvolvimento econômico e comércio mundial. Seu último livro é *A diplomacia na construção do Brasil*, 2017, que recebeu o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, da Academia Brasileira de Letras em 2018.

CEBRI CURSOS

HISTÓRIA DA DIPLOMACIA NO BRASIL

Do Império ao Século XXI

Programa

AULA 1 (04/05)

Introdução à diplomacia brasileira: os valores diplomáticos que desenharam o mapa do Brasil e ajudaram a definir a identidade nacional

Com Rubens Ricupero

AULA 2 (06/05)

Império: uma nação imaginada (1822-1889)

Com Demétrio Magnoli

AULA 3 (11/05)

O Barão do Rio Branco: o diplomata que ampliou o território e redefiniu a política externa (1902-1912)

Com Rubens Ricupero

AULA 4 (13/05)

A Era Vargas: a opção pelos aliados na Segunda Guerra Mundial (1930-1945)

Com Fernando de Mello Barreto

AULA 5 (18/05)

A Política Externa de JK: a convergência entre o “interno” e o “externo” – uma diplomacia a serviço do desenvolvimento (1956-1961)

Com Celso Lafer

AULA 6 (20/05)

Jânio Quadros e João Goulart: Política Externa Independente (1961-1964)

Com Gelson Fonseca

AULA 7 (25/05)

Relações Internacionais do Regime Militar (1964-1985)

Com Matias Spektor

AULA 8 (27/05)

José Sarney: redemocratização e diplomacia latino-americana (1985-1990)

Com Rubens Ricupero

AULA 9 (01/06)

A Política Externa da Presidência Collor: a inserção do Brasil no mundo pós-Guerra Fria (1990-1992)

Com Celso Lafer, e conversa com Presidente Fernando Collor de Mello

AULA 10 (03/06)

Itamar Franco: de Marraqueche a Ouro Preto (1992-1995)

Com Celso Amorim

AULA 11 (10/06)

Fernando Henrique Cardoso: a vez e a hora da Diplomacia Presidencial (1995-2002)

Com Marcos Azambuja, e conversa com Presidente Fernando Henrique Cardoso

AULA 12 (17/06)

Integração e multilateralismo (2003-2010)

Com Celso Amorim

AULA 13 (22/06)

Um Brasil com influência global (2011-2016)*

Com Antonio Patriota

* Excepcionalmente das 9h às 10h15.

AULA 14 (02/07)

Conversa com Presidente Dilma Rousseff

Conversa entre Presidente Dilma Rousseff e Maria Regina Soares de Lima

AULA 15 (29/06)

Protagonismo na agenda ambiental*

Com André Corrêa do Lago, Izabella Teixeira e Tatiana Rosito

* Excepcionalmente das 9h às 10h15.

AULA 16 (01/07)

Michel Temer: Pragmatismo e Realismo - Da política externa asiática às negociações Mercosul-União Europeia (2016-2018)*

Com Hussein Kalout, e conversa com Presidente Michel Temer e Aloysio Nunes

* Excepcionalmente das 17h às 18h15.

AULA 17 (06/07)

O planejamento diplomático na formulação da política externa

Com Benoni Belli

AULA 18 (08/07)

Liderança feminina na agenda internacional

Com André Clark, Irene Vida Gala, Izabella Teixeira, Julia Dias Leite e Kátia Abreu

AULA 19 (13/07)

Desafios e perspectivas contemporâneas da política externa brasileira

Com Hussein Kalout

CURSO HISTÓRIA DA DIPLOMACIA NO BRASIL

Do Império ao Século XXI

4 MAIO - 13 JULHO 2021

REALIZAÇÃO:



@cebrionline
www.cebri.org